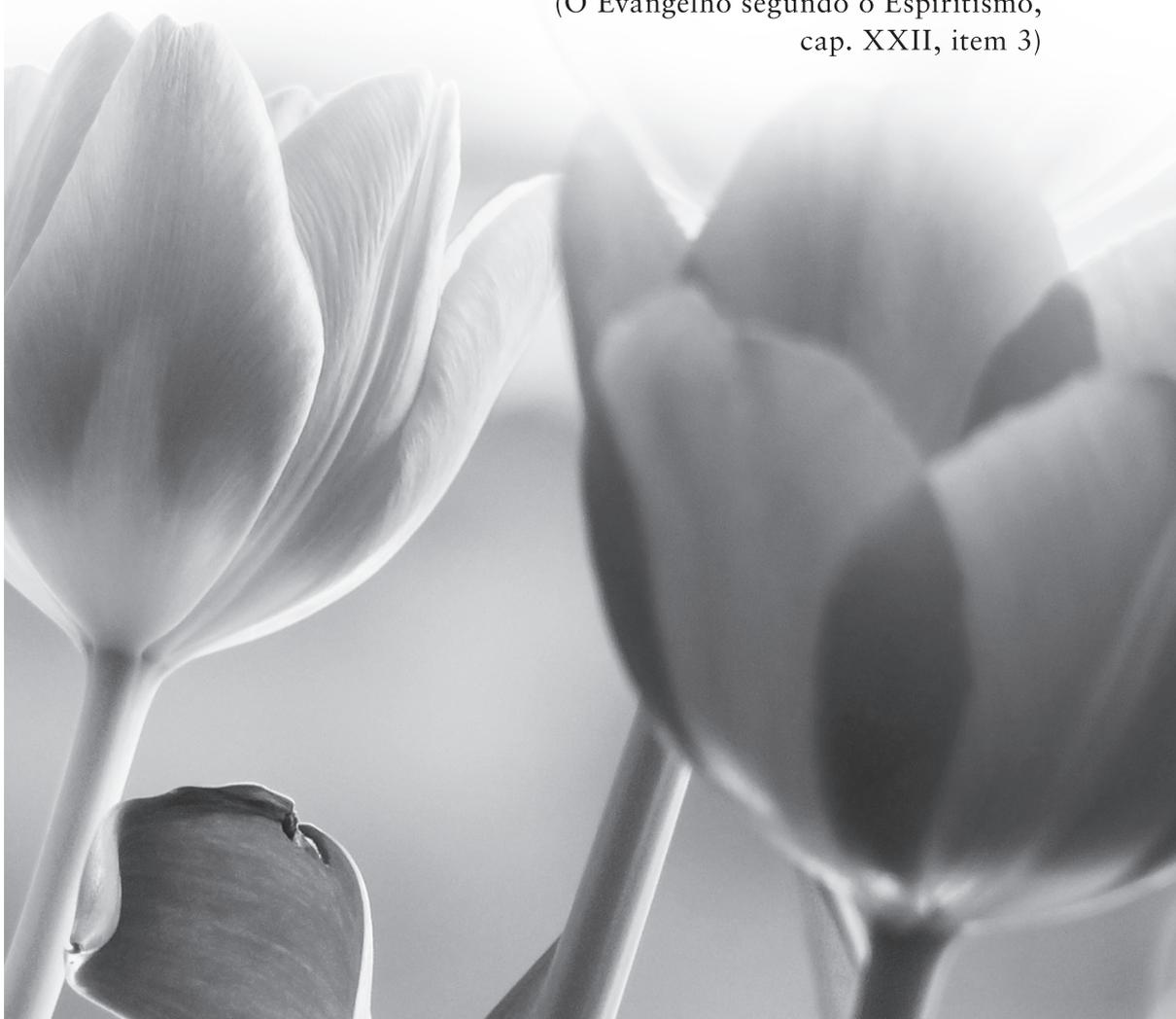




a respeito do matrimônio

Mas, na união dos sexos, a par da lei divina material, comum a todos os seres vivos, há outra lei divina, imutável como todas as leis de Deus, exclusivamente moral: a lei do amor.

(O Evangelho segundo o Espiritismo,
cap. XXII, item 3)



Os fundamentos do encontro

Parece que é de todos os tempos e de todas as criaturas de Deus a peculiaridade da atração. A começar pela energia básica que nutre o átomo mais simples, o princípio inteligente inicia o processo da atração e temos os elétrons a movimentarem-se em redor do núcleo, atraídos pelo fulcro magnético que caracteriza a inteligência.

Pelo universo afora, a massa material atrai, o cheiro atrai, a cor atrai, o som atrai, a luz também atrai e um psiquismo atrai outro. A expressão da vida – a mais fundamental que seja – é a atração, como se tudo e todos se movessem para um Centro que se expande sempre mais e ao qual chamamos Deus.

Entre os humanos, o poder atrativo da vida não especifica exatamente qual é o item de maior atratividade. Em realidade, um conjunto de fatores anímicos contribui para que um indivíduo se sinta magnetizado por outro, a ponto de anelarem pela aproximação mais íntima, como é a do casamento.

Nenhum critério tipicamente humano é válido para definir o que se passa no âmago dos seres, fazendo-os atraídos um pelo outro. Nem a beleza plástica, nem a riqueza do ouro, nem o poder social, nem a pujança econômica ou política são passíveis de explicar o sentimento. Há insondáveis disposições das almas que fazem com que uma da outra se aproxime, que uma pela outra se encante e se entregue em regime de total confiança.

A partir de então, surgem apontamentos daqui e dali, a lançar no ar as célebres indagações corriqueiras: O que é que fulana viu em beltrano? O que tem esse homem – ou essa mulher – de tão especial? Como é que alguém se deixa seduzir assim, tão intensamente? O que haverá por detrás dessa insólita união? e outras que seguem nesse mesmo diapasão.

Esse conjunto de atributos insondáveis que viceja e legisla nas questões do sentimento passional, na formação dos casais que se buscam para o matrimônio – seja ele formalizado ou não pela legislação humana vigorante – tem raízes bem assentadas na maturidade emocional de cada um; na bagagem espiritual que cada um traz consigo de pretéritas existências, mas todas essas variáveis se acham comandadas pela lei de causa e efeito, importantíssima, quando se trata de atender a um dos quesitos fundamentais da reencarnação no planeta terrestre.

Celibato por expiação

Sem embargo, é preciso levar em conta, quando nos referimos à instituição do matrimônio no mundo, que nem todos os encarnados chegaram à Terra tendo os deveres da união esponsalícia na sua pauta de realizações.

Por inumeráveis motivos, muitos indivíduos não se estabelecerão no casamento formal em sua encarnação. Há os que se comprometeram com causas igualmente nobres e exigentes – sociais, científicas, humanas, religiosas – que lhes não permitiriam tempo hábil para atender aos reclamos da união conjugal.

Levando-se em consideração os variados casos em que o celibato tem sido uma ferramenta discreta do egoísmo, que, certamente, impõe repercussões complicadas para as almas, encontram-se também reencarnadas criaturas que trouxeram o celibato como seu campo de acertos morais, como seu roteiro expiatório. Esses anseiam, buscam, agitam-se e sofrem, sem que consigam encontrar alguém ao nível dos seus anelos e que esteja disposto à seriedade exigida por esse tipo de relacionamento.

Muitos são os que no passado desatenderam o lar, quando adotaram posturas de mentira e traição, de prevaricação e de covardia,

de exploração sexual e de domínio e tortura passional, inscrevendo-se, desde então, no rol daqueles que necessitariam de períodos mais ou menos longos de solidão sentimental ou de impedimentos passionais, a fim de que a dura reflexão que se lhes imporá e as doloridas carências que se lhes apresentarão os levem a retirar significativo proveito desse tempo de impossibilidades emocionais.

Quando te vejas em situação assim, buscando sem êxito, pedindo sem obter respostas e batendo em portas afetivas que se não te abrem, reflete na possibilidade de que estejas incurso nesse canheño de devedores afetivos, tendo expostos dessa forma os matizes do teu endividamento espiritual com a questão sentimental.

Evita o desespero ou a revolta nessas circunstâncias. Não te permitas prostituir em tuas mais fundas energias anímicas, que são a energia criadora a que chamamos de sexo. Não saias a buscar quem se te apresente pelos caminhos, doadores fáceis de prazeres momentâneos, quando o que almejas é a sedimentação do bem-querer e a consagração do amor.

Nas constatações frustrantes de impossibilidades no campo afetivo, suporta o travo da espera e prossegue realizando os esforços do bem, onde e como te encontres. Não blasfemes nem te vulgarizes. Enquanto a ti te custa achar o parceiro dos teus sonhos mais honestos, segue cultivando o amor fraterno em teu íntimo, parabenizando e homenageando com teu aplauso e teus augúrios de ventura todos quantos a tua volta, pessoas da tua ligação, hajam conseguido ancorar no porto da harmonia conjugal.

A ninguém invejes nem te interponhas no caminho dos que se acham consorciados, com intenções de testar o teu poder atrativo ou teus dardos libidinosos. Caso o intentes ou o realizes, perturbando a estrutura psicológica e emocional de outras pessoas, maiores dívidas morais contrairás, apertando sempre mais os nós que te prendem à expiação na área da passionalidade.

Mantém-te pulcro e valoroso. Espera e trabalha. Trabalha e confia, pois há muito que podes fazer pelos caminhos da tua existência, em favor de pessoas e de instituições do bem, utilizando a tua inteligência, os teus atributos culturais e a tua sensibilidade, a fim de que te candidates, consciente e enobrecido, à reconquista futura do direito ao lar, à família e à intimidade sensorial com a alma escolhida, nas bases do verdadeiro amor.

Os desconhecidos

Conscientes de que cada pessoa conhece quase nada a respeito de si mesma, chegando a ser um autodesconhecido, bem se pode entender que cada parceiro da conjugalidade passional se ignora quase que por completo, quando adentra a instituição do casamento.

Tendo-se conhecido muito pouco, nos parcos encontros exigidos pelo período do enamoramento ou do noivado, períodos que antecedem à formalização da união, é compreensível que o casamento seja fundado sobre dois seres que se autodesconhecem e que se desconhecem entre si.

Nisso se estribam muitos desencontros, choques afetivos, surpresas e frustrações, que muitas vezes têm lugar após a união. É que agora cada um vai encontrando tempo para a convivência, para a observação mais detida das características felizes ou não, interessantes ou não, um do outro.

Imprescindível, pois, é que todos os que cheguem à estação do casamento, com a intenção de fazer a grave e bela viagem a dois, cheios de sonhos dourados e de encantadoras expectativas, possam também estar a fim de conhecer juntos os territórios das lutas, dos

árduos trabalhos e dos constantes desafios na trajetória do crescimento para Deus. Que levem na bagagem interior a boa disposição de tudo enfrentar como quem faz grandioso curso de humanidade, ansioso por desenvolver-se e por cooperar com o desenvolvimento dos que lhes nascerão como filhos, no coração do lar.

Sem que se permitam os surtos do egoísmo na relação do par, é indispensável a presença e a atuação da paciência e da tolerância, além da vigência da compreensão e do apoio, desenvolvendo o entendimento de que há e deverá sempre haver espaços para o aprendizado recíproco, sem que um desdenhe ou zombe das fragilidades do outro.

Será sumamente necessário que cada um dos cônjuges se dê conta de que haverá harmonia e crescimento na relação, se cada qual entender que deve abrir mão de muitos maus hábitos, de várias manias perturbadoras e do costume infeliz de ter sempre que dar a última palavra em qualquer situação.

Quando duas pessoas se casam – vale refletir – cada uma precisa ceder um pouco, deixando de lado incontáveis e lastimáveis exclusivismos, quando um deseja impor ao outro as próprias idiosincrasias, sem conseguir jamais encontrar valor naquilo que a outra parte propõe e apresenta.

Fundamental é que a convivência conjugal não se transforme num peso difícil de conduzir a bom desfecho, em razão da intemperança, de repetido mau-humor ou da prática das expressões verbais chulas, desrespeitosas ou desatenciosas. Ao invés de ser tornado uma cadeia ou uma grilheta, o matrimônio precisa ser visto como exuberante escola, campo de incontáveis e formosos aprendizados, quando os parceiros tenham maturidade para isso.

Em reverência ao amor

Muito embora o casal represente a base de toda a família que a partir dele se constrói, ninguém será ingênuo a ponto de admitir que jamais haverá algum tipo de indisposição ou de desagrado entre os cônjuges. Os momentos difíceis sempre irrompem da placidez da vida a dois, posto que qualquer relacionamento erguido sob os céus do planeta encontra-se submetido ao regime de um mundo expiatório.

As quadras mais ásperas da vida do casal, contudo, não precisarão significar malquerenças recíprocas, inimizades, traições ou desvinculações. Desde que ambos se apercebam da fase complexa por que estejam passando, e tenham o desejo de tudo fazer para retornar à fase boa, deverão lançar-se aos esforços de reaproximação, às experiências do autoperdão, para que cada um consiga perdoar o outro.

Sendo o fundamento do lar, os cônjuges precisarão manter um sistema de vigilância moral em torno do seu ninho doméstico, não consentindo, em nome da novidade ou dos modismos, que o mundanismo, a pornografia e outras tantas inconveniências tão bem aceitas no mundo em geral conspurquem a sua construção de amor demoradamente anelada. Vive em teu ninho doméstico com júbilo, louvando a Deus por meio das ações dignas e da busca da correção, todos os dias.

Alcançarás um casamento vitorioso se prestares sempre reverência ao amor, movimentando as energias da fidelidade e do respeito, nas atitudes de companheirismo e de cooperação, mantendo simplicidade em tudo, sem nenhum compromisso com a tolice ou com as atitudes inconsistentes – evitando os jargões da mediocridade vigente, que empobrecem o diálogo e que acabam por valorizar o que se tem e não o que se é – desenvolvendo a elegância do tratamento entre os que se amam realmente.

Louvor e júbilo

Consistindo num dos progressos da civilização, como asseveraram as Vozes Imortais, o casamento traz em si as mais vultosas oportunidades para que o par consiga se desenvolver no rumo de Deus, o Grande Criador.

Nada obstante todos os percalços surgentes numa relação tão especial, como é a da união íntima entre duas almas, o que não deve ser deixado de lado é a prática dialogal, que enseja cada vez mais entranhada amizade.

Não perderemos de vista que os dois seres que se vinculam pelo casamento são irmãos, antes da passionalidade que os une maritalmente, em razão da paternidade divina. Sendo encarados por esse ângulo, valorizaremos a amizade que deve presidir todos os movimentos que o amor patrocine na vida de ambos.

Quando o casal perde o gosto por conversar, por trocar ideias e por discutir as questões do cotidiano, sóbria ou apaixonadamente, é sinal de que a relação conjugal está correndo sérios riscos, riscos de sérias enfermidades que a poderão levar à morte.

É graças à manutenção do diálogo que o casal consegue forças para superar os tempos mais bichudos do relacionamento e providenciar, com as lutas devidas, os dias porvindouros de ventura.

Mesmo reconhecendo que, em função do pretérito reencarnatório de ambos, bem como de suas atuais inclinações morais, costumam ocorrer interferências espirituais negativas sobre o lar, o mais importante é que cada um dos parceiros realize os seus melhores esforços para mobilizar as boas energias psíquicas, no seio da família, a fim de que não se facilite o ensejo para o espalhamento das nocivas interferências.

Na medida em que o casal se empenha por desenvolver uma vida bem natural, sem dispensáveis atavios, pautada na simplicida-

de em seu entrosamento, mais facilmente se vinculará ao psiquismo dos Mentores Espirituais da família, que investiram recursos para que fosse abençoada a formação do par.

Tanto na amadurecida convivência do par, em si mesmo, quando no desenvolvimento de suas lidas domésticas – como ter filhos, educá-los para a vida e para o amor a Deus e ao semelhante – na luta por fazer da existência terrestre um cântico de louvor ao Sem-piterno, a dupla de esposos levará adiante os luminosos deveres da vida a dois, até o momento final, quando um ou outro demandar, glorioso pelos deveres bem atendidos, as dimensões invisíveis da existência.

Vive hoje, então, com grandeza e com beleza a tua experiência matrimonial, sem sentir-se atado a um madeiro insuportável ou preso a uma camisa de força perturbadora, dando a tua melhor contribuição para que o teu seja um casamento para cima, para o progresso e para a luz, a fim de que quando a missão seja cumprida, dela te desincumbas com louvor e com júbilo, deitando sobre o simbólico altar da vida a oblata do teu próprio coração agradecido.